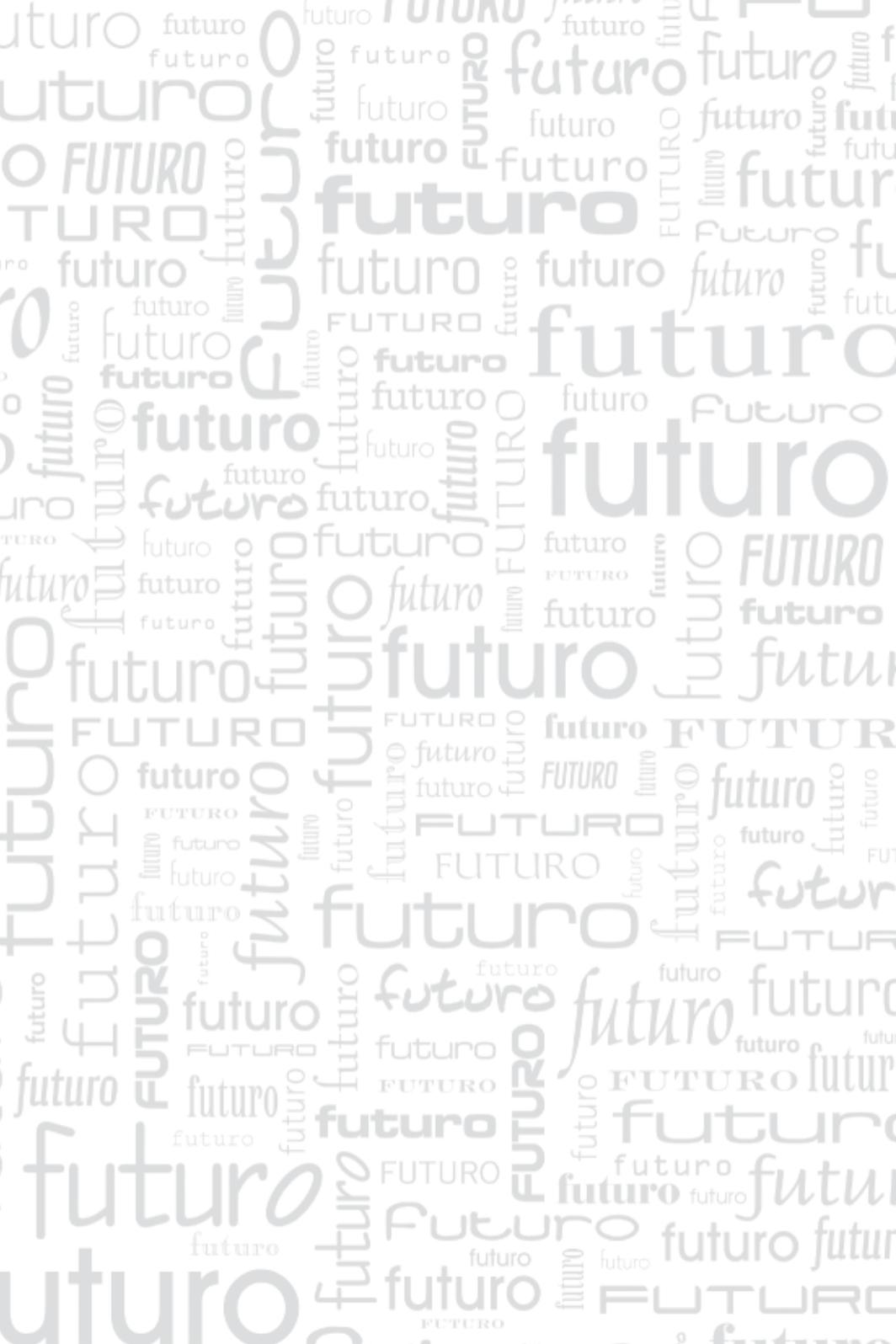


ROTELO

XIV Concurso de Contos Petros



o fu
tu
ro

Copyright © 2014 by Fundação Petrobras de Seguridade Social – Petros
Todos os direitos reservados, incluindo os de reprodução
no todo ou em parte sob qualquer forma.

O conteúdo reproduzido neste livro é de responsabilidade dos autores
dos contos e não refletem necessariamente a opinião da Petros.

Fundação Petrobras de Seguridade Social – Petros
Rua do Ouvidor, 98 – Centro
Rio de Janeiro – RJ – CEP 20040-030
www.petros.com.br

Impresso no Brasil – Tiragem: 1.500 exemplares

Impressão:
Blue Print Gráfica Editora
Rua José Mendes de Souza, nº 07 – Sampaio Correa
Saquarema – RJ – CEP: 28990-000
CNPJ: 06.014.938/0001-47
22-2654-7154

P497c

XIV concurso de contos Petros. – Fundação Petros:
Rio de Janeiro, 2014.
80p. ; il.

1. Contos brasileiros – Crônicas. 2. Literatura
brasileira. 3. Crônicas brasileiras. I. Título.

CDD 869.0813



A Diretoria Executiva da Petros agradece a todos os que têm contribuído para o sucesso deste concurso literário.

**A melhor maneira
de prever
o futuro
é criá-lo**

Peter Drucker

sumário

10

Apresentação

16

Contos selecionados

18

Décimo

As sandálias do poeta

Jair Lisboa dos Santos

24

Nono

O mago do futuro

Adnelson Borges de Campos

32

Oitavo

Projeto Alfazema

Carlos Frederico Ferreira de Abreu

42

Sétimo

A moça do sonho

Rômulo de Athayde Caminha

46

Sexto

As próximas 48 horas

João Paulo Vaz

50

Quinto

Em algum lugar do futuro, numa cartilha de “ses”

Ricardo Macedo dos Santos

54

Quarto

Por um lugar além da faixa

Sonia Fernandes do Nascimento

60

Terceiro

Visitante

Guilherme Sampaio Pereira

66

Segundo

O Velho

Thiago Luz

72

Primeiro

Haveria futuro

Cleo de Oliveira

apresentação





O futuro

A principal função de uma entidade de previdência complementar é cuidar e estar presente no futuro dos seus participantes. Mas essa presença não se limita ao pagamento de benefícios em dia. Vai muito além.

Ao cuidar do futuro, a Petros não só aplica os recursos com responsabilidade, mas também informa e educa seus participantes sobre a importância de poupar para manter o padrão de vida após a aposentadoria; incentiva hábitos saudáveis hoje para que o participante possa aproveitar bem a vida amanhã, usufruindo do que guardou; e também estimula as pessoas a fazerem novas descobertas e encontrarem outras oportunidades que lhes garantam alegria e prazer na fase mais madura da vida.

O Concurso de Contos é uma das iniciativas da Petros nesse sentido: por meio do incentivo à cultura, mais especificamente a literatura, a instituição faz com que os participantes descubram novos talentos ou invistam e aperfeiçoem habilidades que já haviam identificado anteriormente, mas ainda não tinham tido tempo de lapidar.

Idealizado há 14 anos, o Concurso já recebeu mais de três mil textos, dos quais 150 foram publicados. Nesta edição, atendemos um desejo dos participantes e definimos um tema para os contos. Ao abordarem o Futuro, nossos escritores trataram de um assunto que, cada vez mais, faz parte da realidade dos brasileiros, já que a expectativa de vida tem crescido a cada ano. Mas, a despeito de um desafio comum a todos os concorrentes, cada autor tratou o tema com imaginação própria e estilo singular.

É com grande satisfação que apresentamos, nas páginas a seguir, os 10 vencedores da 14ª edição do Concurso de Contos promovido pela Petros. Parabéns aos autores e uma excelente leitura a todos os que vão se dedicar um pouco a esta publicação. Afinal, em um mundo cada vez mais conectado, a velha máxima de que o “tempo não para” é cada vez mais atual. E amanhã já é futuro.



contos
seleccionados

décimo

As
sandálias
do poeta

Jair Lisboa dos Santos

O interesse de Jair Lisboa dos Santos pela literatura começou na adolescência, quando lia livros de poesias, romances e crônicas. Há 5 anos reuniu suas poesias e o único conto de sua autoria e publicou, de forma independente, o livro *Algumas poesias por apenas 1 conto*. A antologia ficou restrita a familiares e amigos. Mas o autor de *As sandálias do poeta*, um conto autobiográfico, é a prova viva de que a inspiração para um bom texto pode surgir em qualquer lugar. No ano passado, Lisboa, como é mais conhecido, estava em um consultório dentário quando recebeu o inusitado pedido de sua dentista para que lhe escrevesse uma poesia. Ela havia lido e gostado do seu livro. Como, segundo ele, não há inspiração poética em uma cadeira de dentista, Lisboa resolveu explorar outro gênero literário e produzir um conto. Em seguida, inscreveu o texto no XXXVI Concurso Literário Felipe d'Oliveira de Contos de Santa Maria (RS). O conto, que surgiu ali mesmo, obteve o segundo lugar entre 248 inscritos.

Desde então, o engenheiro de Projetos de Telecomunicações da Petrobras não parou mais. Somente este ano escreveu 13 contos. A inspiração para uma produção tão profícua deriva dos livros que lê – nunca menos de um por mês – e das peças de teatro a que assiste. Declara-se fascinado pela filha, Joice, inspiração de um poema. Entre os autores prediletos estão Mário Quintana, a família Verissimo (Érico e Luís Fernando), Paulo Leminski e José Saramago. Da safra atual, é fã de Paulo Venturelli e Luís Henrique Pellanda, conterrâneo de Curitiba. Adora música e até já arriscou algumas composições, que, por enquanto, “se contam nos dedos da mão”. Não será surpresa, porém, caso se ele retornar da próxima consulta com uma nova letra em mente.

Seis anos

A mãe, com lenço no cabelo e uma trouxa de roupa suja nos braços:
– Sai desse sol, menino; bota o chinelo. Onde já se viu?

E lá vai ele correndinho, resfriando os pés nas sombrinhas, de árvore em árvore há pouco plantadas nas calçadas da rua, até chegar à venda e empurrar sobre o liso balcão de madeira uma nota de um cruzeiro toda amarrotada:

– Um sabão em pedra e o troco de bala.

Asfalto do meio-dia pelando de calor, caco de vidro, prego enferrujado, farpa do amontoado de madeira perto das bananeiras, espinho do mato rasteiro do fundo do quintal. Nada o detém, não pode parar. Desafia até formigueiro, afunda o pé e sai saltitando, se sacolejando, dando uns tapas. Chinelo atrapalha. Pisou num prego, certa vez que atravessou a borracha e entrou na sola do pé. Nem vacina tomou, que ironia, fugiu quando viu a agulha.

– Não vê que vai pegar vermes, criatura? Calça o chinelo!

Seminu, voa o terreiro, no infinito quintal da infância, o pequeno mundo com cheiro do mato e da terra e um esférico telhado azul. Corre na chuva, escorrega na lama, chinelo só serve pra atolar no barro.

– Sai da chuva, criatura de Deus; vai pegar resfriado!

Chuva, um bom dia para bolinhos, de barro. E entrincheirado, uma artilharia pesada, cruza a rua, passa a muralha inimiga e deixa marcas na vizinha casa de material caiada, antes branquinha.

Os pés de laranja já estão carregados; as mais maduras, mais difíceis, nas pontas dos galhos altos. E lá está, pé descalço, mesmo com espinhos. Galho da goiabeira depois da chuva, esse é liso, requer destreza. Caiu de costas da goiabeira baixa. Só perdeu um pouquinho a voz, o pai nem viu.

E gato, cai de pé?

– Menino, deixa o bichano em paz!

O gato, com um ar de entediado, na inquietação do rabo pra lá e pra cá. Tenta explicar que paciência tem limite. Na terceira vez que cai em pé, numa astuta desenvoltura acrobática, escapole. Sem antes deixar pra trás, nas mãos do menino, pelos que não lhe fazem falta e uma linha vermelha de sangue. Um arranhão

das mesmas garras secretas, que, num salto escalam o muro e se bandeiam para o vizinho.

Foi à venda comprar papel de seda para o papagaio e voltou com bombinhas e buscapé. Pegou fósforo na cozinha, escondido. Da última vez foi um deus nos acuda, quase botou fogo na casa de madeira. O combustível: longos pendões secos de um vaso, tipo plumagem, que decorava a sala. Fugiu e foi descoberto pelo pai no esconderijo. O astronauta, agora, está fazendo das latinhas de massa de tomate, foguete. O cachorro deu no pé.

Buscapé persegue mulher de saia e de noite é mais bonito. As chamas da fogueira também.

– Valha-me Deus! Não brinca com fogo, meu filho! Calça esse chinelo!

A brasa viva na planta do pé bem que ardeu, mas cadê que aprendeu?

O dia se foi, dura tarefa de tomar banho e lavar os pés para dormir. Acende a luz do banheiro e, de súbito, na parede de madeira uma barata que, em reação idêntica, se queda paralisada. Um silêncio no qual somente os olhinhos dele e as finas e longas antenas dela se movem, a líder do batalhão. Pronto para o duelo. Busca no piso o par de emborrachadas armas de extermínio. Nada, nunca está lá quando ele mais precisa.

É um índio selvagem, perceptível pelas penas na cabeça. E ele pousou pertinho, bem no galho do pé de guabiroba. O menino segura a respiração, tentando não denunciar sua presença. Discretamente, põe as mãos nos bolsos: no direito, as bolinhas de gude, no esquerdo as figurinhas. Mãos limpas, não da sujeira, do estilingue. Como uma estátua que se move e recolhe uma parte do corpo, abaixa e pega a pedra. Como uma flecha, ela parte precisa e certa, mas passa zunindo pelo pardal, que desferiu voo, e se perde no telhado do vizinho.

– Minha Nossa Senhora, essa goiaba tá verde, vai te dar congestão!

As goiabas do fundo do pomar já estão madurinhas, o pé carregado. Conhece o terreno, foi seu pai quem vendeu. O estrategista e o plano tático em ação, sem chinelo que atrapalha. Olhos e ouvidos atentos, estuda os movimentos. Nada do vizinho, não tem cachorro. Silêncio quebrado apenas pelos animados

passarinhos e galinhas cacarejando ao longe. Escala a cerca de madeira e pula. Baixa a guarda, se embrenha camuflado entre os pés rasteiros crescidos de mandioca, que lhe dão cobertura. Chega ao destino, a goiabeira. Colheita rápida, o pé é baixo e as grandes goiabas ao alcance das mãos. Enche bolsos e mãos. Do nada aparece uma figura enorme à sua frente, o vizinho:

– O que você tá fazendo aqui, moleque? Roubando minhas goiabas?

Que certoiro responde:

– Ah é? Foi meu pai que plantou.

E, na inocência que lhe cabe por direito, bate em retirada com as goiabas, se pondo em fuga entre os pés de mandioca, pulando a cerca.

Saltitante, riso alegre de menino ecoando no tempo e no espaço. No impulso de cada salto, move o mundo, gira a Terra.

Aprendeu duas lições:

– Apanhar de chinelo da mãe doía menos do que da cinta do pai.

– Só dava atenção para chinelo emborcado dentro de casa, ouviu dizer que a mãe morre.

50 anos

No oitavo andar de um prédio empresarial de uma calorosa metrópole em um gigante país tropical. Em um formal departamento de desenvolvimento especializado em projetos, entrincheirado em si mesmo atrás de um computador, cansado dos pés apertados nos sapatos, libertou-se. Alheio aos olhares surpresos, interrogativos e curiosos, em meio a mesas, impressoras, armários e salas, resolveu circular de sandálias, como um menino que se largasse a voar num imenso quintal.



nono

O mago
do futuro

Adnelson Borges de Campos

O interesse Adnelson Borges de Campos pela literatura surgiu bem cedo, ainda nos primeiros anos escolares. Mas só foi despertar quando Adnelson se tornou pai e começou a contar histórias para os três filhos antes de dormir. As crianças gostavam tanto que lhe pediam sempre mais uma. Com o repertório chegando ao fim, cada história antiga ganhava um novo final. Totalmente inventado. Foi o impulso necessário para o morador de São Mateus do Sul (PR) começar a contar suas próprias histórias. Os filhos cresceram, mas até hoje as experiências vividas com Lucas, 15 anos; Vinícius, 14 anos; e Helena, 10 anos ainda são motivos de inspiração para outras narrativas. Suas outras fontes de inspiração são as conversas com pessoas mais experientes e os temas propostos nos concursos literários. O primeiro desafio surgiu em 2010, quando participou do X Concurso de Contos Petros. Em 2012, concorreu de novo e foi um dos finalistas com o conto A matriz. Desde então, não parou mais de escrever e participou de vários concursos. Possui contos publicados em diversas antologias impressas e digitais. Prestes a celebrar Bodas de Prata com a esposa, Denise, o admirador confesso da obra de Dan Brown, Júlio Verne e Stephen Hawking não abre mão de algumas particularidades em seu processo criativo. Quando surge uma ideia, prefere fazer um planejamento inicial no qual pode descrever brevemente as principais cenas. Só então, é hora de escolher o *grand finale*. As ideias ficam maturando até o dia seguinte, quando lê o texto em voz alta e faz as devidas revisões. Aos 51 anos de idade, o gerente de Mineração da Petrobras não hesita quando perguntado sobre o que mais gosta de fazer no tempo livre: escrever.

Thomaz seguia pela Main St, deixando Downtown. Houston parecia mais silenciosa hoje, os veículos dominavam a paisagem. O mundo mudou muito nesses primeiros cinquenta anos do século XXI. A população mundial está em declínio, impactada pelas doenças mentais. A síndrome do pânico alastrou-se, tornou-se mortal e é conhecida apenas como “A Síndrome”. Homens e mulheres estão mais distantes, a reprodução humana passou a ser predominantemente assistida e alguns cientistas aproveitam isso para realizar seus experimentos, modificando geneticamente os seres humanos. A antiga ideia de purificação de uma raça foi resgatada com a possibilidade de manipulação do DNA, e os “puros” e seus criadores detêm o poder.

O mundo de cristais e componentes eletrônicos comanda a vida das pessoas, que são identificadas através de leitores de perfil de DNA e têm cada passo monitorado em qualquer parte do globo terrestre. Assim, os indivíduos procuram isolar-se ao máximo. Os feiticeiros modernos são aqueles que conseguem proezas tecnológicas como o teletransporte de alguns materiais, a leitura e o controle de mentes, o uso compacto da energia atômica, o controle do hidrogênio como fonte de energia ou a sintetização de alimentos. Há quem diga que alguns conseguem recriar a vida de animais e até de seres humanos.

O caminho até o número 5085 da Whestheimer Rd parecia interminável. Anna já deveria estar quase chegando para o encontro. Lembrou-se de quando a conheceu. Apaixonado por física e química, ele escolheu o curso de engenharia biomolecular de uma universidade americana. Precisou conhecer um pouco de biologia e medicina e, quando estava no primeiro ano de sua especialização foi apresentado à caloura do curso de medicina. Antes mesmo que ele tivesse dito qualquer coisa, ela já havia adivinhado seus pensamentos. Num primeiro momento afastou-se. Depois, quando aprendeu a se proteger, manteve-se próximo dela pelos cinco anos seguintes, até que ela voltou para Sevilha, na Espanha.

Thomaz tornou-se um supercientista, “O Mago”, e desenvolveu tecnologia para produzir suas máquinas fantásticas. Anna

especializou-se em neurologia e psiquiatria, estudou a parapsicologia e tornou-se uma manipuladora de mentes, sendo conhecida no mundo especializado como “O Cérebro”. Thomaz e Anna admiravam-se mutuamente, mas nunca arriscaram uma relação mais próxima, preservando a amizade e as trocas de experiências científicas.

Anna o esperava na praça principal do edifício e observava as pessoas; lia suas mentes, fazendo experiências. Ela criou seus próprios limites éticos e brigava para se manter dentro deles. Logo que Thomaz entrou, ela o percebeu e correu ao seu encontro.

– Thomaz, como você conseguiu chegar aqui sem ser identificado?

– Como vai? Tudo bem? Esqueceu que eu sou especialista em alterações genéticas? Pois bem, uma modificação no perfil de DNA para enganar um monitor é algo muito simples de se fazer.

– Faz tanto tempo que não nos encontramos pessoalmente e nem perguntei se você estava bem. Perdoe-me. Fico imaginando os riscos que você tem corrido ultimamente.

– Está preparada? Um amigo emprestou-me sua clínica para o experimento, não fica muito longe daqui.

– Estou sempre pronta! Tem certeza de que é isso que quer?

– Tenho.

Durante a conversa, Thomaz se pegou com vontade de tocar as mãos de Anna, mas se conteve. Já na clínica Anna pediu a Thomaz que explicasse novamente a sua proposta em relação à viagem no tempo. Ele começou recordando algumas ideias:

– Lembra-se da Teoria da Relatividade, formulada por Einstein, em 1905?

– Sim. Há 145 anos ele propunha que, se pudéssemos viajar numa velocidade próxima da velocidade da luz, acelerando no espaço, também aceleraríamos no tempo.

– Isso mesmo. Mas sempre esbarramos nas limitações físicas e tecnológicas para construir máquinas capazes de tal proeza.

– Você inventou uma máquina capaz disso?

– Não, ela existe desde que o homem é homem!

– Como assim?

– Já chegaremos lá, Senhora “Cérebro”. Conhece a teoria criada

trinta anos mais tarde: a do Buraco de Minhoca? – questionou mais uma vez Thomaz.

– Ei! O mestre em física aqui é você. Eu sou aquela que desafia os seus cálculos e projeções, e em contrapartida vocês chamam o meu trabalho de pseudociência, meu caro supercientista!

– Mas eu sei que, para desenvolver as suas teorias, estudou muito a física.

– Da mesma forma que você tenta entender a mente humana e procurou conhecer a psicologia e a parapsicologia. Mas sei o que é um buraco de minhoca. Simplificando, seria uma espécie de abertura espacial, mais ou menos como um buraco negro, ligando dois pontos distantes e descontínuos no espaço-tempo quase que instantaneamente. O atalho no espaço também é um atalho no tempo – explicou Anna.

– Por isso você é a minha parapsicóloga preferida!

– Deixe de ironias, seja mais objetivo, senão...

– Senão você assume o controle da minha mente e descobre tudo o que quer saber. Pois é justamente disso que preciso.

– Qual é a tal máquina capaz de viajar numa velocidade próxima ou superior à da luz, capaz de detectar ou criar um buraco de minhoca? E se for capaz de criar um buraco de minhoca, onde encontraria a energia ou a matéria para torná-lo estável?

– Essas são as mesmas perguntas dos cientistas nos últimos 35 anos – disse Thomaz.

– E o meu supercientista já tem resposta para todas elas, suponho.

– Para todas, não, mas as que eu tenho já me dão alguma vantagem na busca do conhecimento.

– Qual é a tal máquina? – insistiu ela.

– O cérebro humano – respondeu Thomaz com um ar de seriedade.

– Certo, o pensamento, as projeções do pensamento podem viajar numa velocidade maior que a velocidade da luz – pensou ela em voz alta.

– O nosso cérebro só utiliza uma pequena parte de sua capacidade sensível e pode ser mais bem explorado com uma boa preparação e...

– E assim captar um buraco de minhoca microscópico e passar por ele – completou Anna.

– Isso! Acredito que essa projeção mental possa juntar matéria do outro lado e até criar um corpo físico inteligente.

– E como isso seria possível?

– Manipulando o DNA! – responderam os dois ao mesmo tempo.

– E se neste ponto do universo não existir a matéria da forma que conhecemos? – questionou Anna.

– É um risco, que estou disposto a correr. Também acredito que encontrarei vida inteligente, civilizações avançadas. E com os novos conhecimentos levarei adiante meu projeto.

– Sim, até agora discutimos como viajar no tempo e eu me esqueci de perguntar: qual o seu real objetivo com essa viagem no tempo?

– Acabar com a Síndrome.

– E como uma viagem para o futuro curaria as pessoas no presente?

– No presente não, no passado. Parece-me mais fácil viajar no tempo para a frente. Acredito que no futuro encontrarei as respostas para voltar no tempo-espço.

– Você sabe que, se viajar para o futuro, o tempo aqui na Terra passará muito mais rápido e se conseguir retornar poderá ser tarde demais!

– Por isso preciso descobrir como calibrar o tempo na minha jornada.

– Thomaz, satisfaça minha curiosidade. O que é esse símbolo no fundo do mostrador de seu relógio?

– Este é o código do meu DNA original e estas duas outras marcas menores, logo abaixo, são as modificações que fiz nele, com a introdução de alguns genes como aqueles que facilitam a concentração e maximizam o desempenho da atividade cerebral.

– Achei que o DNA humano fosse representado por uma figura helicoidal, algo como uma escada em caracol!

– Defini o meu padrão com um código próprio, assim posso protegê-lo e configurá-lo novamente.

Eles passaram alguns dias planejando e preparando a viagem. Nas primeiras sessões, Thomaz experimentou com sucesso projeções para locais pouco distantes. Evoluíram no processo até que numa das sessões ele foi mais longe e depois de uma viagem que não durou mais de 15 minutos encontrou Anna exausta. Ela havia passado a noite toda acordada ao lado do corpo de Thomaz, não queria perdê-lo.

Numa nova sessão, a projeção mental de Thomaz começou a vasculhar o espaço na busca do túnel do tempo. Enquanto o processo se desenvolvia, ele descrevia para Anna o que via em sua frente e em pouquíssimo tempo ultrapassou as fronteiras do sistema solar.

Anna, maravilhada, imaginava cada coisa descrita por Thomaz. Aquilo precisava ser dividido com outros cientistas e especialistas – pensava ela. Então seria essa a sensação de Johannes Kepler há mais de 500 anos, quando afirmou ter observado a Terra e a Lua de um ponto do espaço? Será que essas também eram as visões de Einstein? – continuou em seus pensamentos.

Com a velocidade desenvolvida, ele conseguiria aproveitar a estabilidade momentânea de um buraco de minhoca e penetrar em frações de segundo no microscópico atalho do tempo-espaço. Thomaz ficou agitado e gritou:

– Anna, acho que consegui! No espaço há um ponto que ainda não visualizo, mas que me atrai. Deve ser o túnel.

Anna assustou-se, chamava por Thomaz, que não respondia. Seu corpo estava inerte. A última expressão dele fora de um sorriso. Algo estranho começou a acontecer. Uma forte luz azul irradiava do corpo dele. Um odor adocicado e uma leve fumaça começaram a tomar conta do local. As luzes azuis davam lugar a uma chama que se alternava entre o verde, o laranja e o vermelho, transformando o corpo em cinzas. Havia apenas silêncio, nem ondas de calor se podia ver, ouvir ou sentir. Ao final, um clarão, um *flash* de luz azul se deslocou rumo ao infinito. Ela não entendia o que estava acontecendo. Ficou paralisada por alguns instantes.

Nos dias seguintes, Anna tentou comunicação mental com Thomaz, sem sucesso. Sem saber como agir, voltou para Sevilha. Sentia-se culpada por ter aceitado o desafio proposto por Thomaz. Estava arrependida de nunca ter falado para ele de seus sentimentos, de como fora importante tê-lo em seu caminho. Isolou-se em casa.

Num domingo pela manhã decidiu visitar o local de Sevilha que mais gostava: La Giralda, a torre da catedral gótica. Pegou o eléctrico e desceu na porta de Jerez. Caminhou pelas ruas até chegar à plaza Del Triunfo, na época inundada pelo perfume das laranjeiras. Disputou

o espaço com os turistas nos lances de escada e venceu os 104 metros de altura do antigo minarete da mesquita, construído em 1172.

Lá de cima, olhando pelo lado oeste da torre, ela pôde observar a plaza de Toros de La Maestranza e mais adiante a puente de La Barqueta sobre o rio Guadalquivir, o rio grande, de onde partiram as embarcações do descobrimento dos novos continentes. Pensando nos viajantes que se aventuraram no mar sem saber ao certo o que encontrariam, ela se lembrou de Thomaz.

Ela ainda apoiava suas mãos sobre as pedras do campanário quando percebeu um símbolo gravado na pedra. Imediatamente olhou para o relógio em seu pulso, o mesmo que Thomaz havia entregado a ela antes das sessões de projeção mental e que ela conservara no braço desde então. Inacreditável! Embora mais rústico, o desenho na pedra apresentava a mesma representação do perfil de DNA de Thomaz. Anna tinha certeza de que ele não estava lá antes, ela conhecia cada detalhe daquela torre que visitava desde muito pequena, mas a gravura só podia ter sido feita durante a construção do minarete. Seu amigo estava viajando no tempo!

Anna apanhou o telefone celular, inseriu uma imagem de Thomaz e buscou imagens similares do passado, desde a antiguidade, e elas rapidamente surgiram na tela. Em todas havia a mesma expressão, como se Thomaz estivesse olhando diretamente nos olhos dela.

Ela esperou por Thomaz pelos dois anos que se seguiram. Neste período, sem que os cientistas conseguissem explicar, a Síndrome foi perdendo força e as pessoas voltaram a sorrir. Num tarde, quando pegava um trem para Cádiz, um sujeito sentou-se ao seu lado. Usava um casaco de lã, um gorro e óculos escuros. Acostumada com a indiferença das pessoas, não deu importância à presença dele, que, por telepatia, perguntou-lhe:

- Por favor, doutora, que horas são?
- Não é possível! – exclamou ela, olhando para o símbolo na placa metálica que o passageiro segurava.
- Senti sua falta.
- Eu também, Thomaz.

oitavo

Projeto
Alfazema

Carlos Frederico Ferreira de Abreu

Carioca, programador sênior da Petrobras, Carlos Abreu descobriu, ainda bastante jovem, a estante de livros de sua casa. Foi natural, para ele, passar do hábito de ler para a aventura escrita. Dividido entre outras paixões, como a fotografia, a música (trabalhou em rádio por algum tempo) e o cinema, somente aos 26 anos resolveu participar de concursos literários – e o resultado logo começou a aparecer. Destacou-se em diversos concursos nacionais e internacionais, inclusive em edições anteriores do Concurso de Contos Petros e no Prata da Casa (organizado pela Petrobras).

Para Carlos Abreu, escrever é, antes de tudo, uma necessidade de expressão. Entre seus autores prediletos estão William Gibson, Patricia Highsmith, Friedrich Dürrenmatt, Chuck Palahniuk, Ray Bradbury e Lygia Fagundes Telles. Mais recentemente, abraçou a tradução de livros e o trabalho voluntário em projetos de democratização da leitura. Estuda a língua japonesa, tendo viajado ao Japão diversas vezes.

O homem que acabara de saltar do carro negro, não ouvia os pássaros nas árvores e não sentia o perfume de jasmim exalado pelos jardins.

Aquele homem trazia consigo a responsabilidade de uma missão que precisava concluir. E depois de tantas outras, aquela lhe parecia ser a última.

Teve dificuldade em distinguir a casa certa entre dezenas de iguais, de jardins cuidados, de cercas todas brancas, todas iguais.

Em uma delas, próximo à esquina, uma velhinha diminuta varria as folhas secas da varanda. Aquela era a casa que procurava, com certeza.

A concentrada velhinha cantarolava uma canção em seu trabalho solitário e não viu o homem chegar ao portão. A cerca era tão baixa que ele não sabia se abria o portão ou apenas pulava.

– Senhora Vell?

Ela parou de varrer, apoiou-se na vassoura, espremendo os olhos na direção daquela voz desconhecida.

– Eu mesma.

Oitenta e oito anos, viúva há quase cinquenta.

– Gostaria de lhe falar em particular. Posso entrar?

Ela parecia surpresa, mas fez um gesto convidativo com a mão.

Não devia ser todo dia que um negro aparecia naquela vizinhança, muito menos um negro em uniforme de major.

A cozinha era luminosa, limpa e ordenada, cada coisa em seu lugar.

O fogão era dielétrico, notou ele quase sem querer.

– Estava preparando um chá, o senhor gostaria de me acompanhar?

– Por favor, deixe-me ajudar.

Com desenvoltura, o major encheu uma bela chaleira com água, enquanto a anciã trazia de um armário a bandeja com xícaras viradas.

– O senhor é do governo?

Não parecia acuada.

– Sim, senhora; da Aeronáutica. Na verdade estou prestando um último serviço antes de me retirar definitivamente.

Ajudou-a a levar a bandeja com as xícaras para a sala. Sobre a mesa de centro havia uma caixa de laca chinesa, de onde ela tirou um pote menor.

– Chá preto?

– Perfeito.

Sentaram-se à sala silenciosa, nenhum som da rua adentrava pelas janelas abertas, ele na ponta do sofá e ela na poltrona que parecia recebê-la com familiaridade.

Qualquer um que ali entrasse não poderia ficar isento de duas fortes impressões. Uma causada pela grande quantidade de retratos, não só nas paredes, sobre a lareira, mas também na estante e sobre cada mesinha.

As fotos coloridas eram de um jovem soldado sorridente e viril, usando quepe, em um jipe, em uniforme de paraquedista, sorrindo junto aos companheiros.

As fotos em preto e branco traziam um homem maduro de bigodes e muito sisudo, em uniforme de cabo, outra na escada de um antigo avião.

A outra impressão contundente era o perfume que parecia residir em cada peça da sala e exalava dos tapetes, dos vasos ingleses, dos abajures e dela.

Alfazema.

– O senhor veio pelo meu filho?

Ele havia se levantado para olhar melhor as fotos na parede junto ao portal.

Uma medalha por bons serviços estava pendurada em uma moldura.

Uma medalha póstuma.

– Essa é a última foto que recebi dele, ainda acho que ele está exatamente assim, onde quer que esteja.

– Imagino que a senhora deve ter grande orgulho dele, e do seu marido, é claro! Ambos deram suas vidas para garantir a liberdade de nosso país. São heróis!

Ela não disse nada, o olhar apagado, perdido em algum lugar.

Ele ia dizer alguma coisa, mas a chaleira começava sua canção desagradável.

– Pode deixar comigo! – disse ele, ao sair da sala.

De volta da cozinha com o bule, trouxe também o quepe e a pasta que esquecerá lá. Sentou-se de novo no sofá, no mesmo lugar.

Pacientemente observou-a servir o chá. Trocaram sorrisos.

Era uma tarde como outra qualquer, agradável, quase fria, boa para queimar uns gravetos e se lembrar dos velhos tempos. Afinal, pensou o major, ela não era tão mais velha que ele, haviam vivido os mesmos anos, as mesmas dificuldades, alegrias, tristezas e maravilhas do mundo civilizado.

Conversaram sobre os primeiros dias da grande guerra, onde ele estava, o que ela estava fazendo, desencavaram lembranças agradáveis há muito não contadas.

Poderiam ter ficado indefinidamente relembando, mas, como o chá, o interesse pela conversa esfriou. Não havia sequer um aparelho de tv à volta, mas um velho modelo de rádio era visível do outro lado da sala.

– A ocasião da morte de seu filho, assim como a de seu marido, deve ter-lhe causado vários problemas. Li a respeito dos comitês, das investigações. Tudo era muito secreto na época. Dois desaparecimentos, separados por quase vinte anos, na mesma área.

A senhora Vell acomodou-se mais profundamente na poltrona. Tinha o rosto marcado pelo apoio dos óculos, embora não os estivesse usando então.

– Meu filho teve problemas com o avião, os informes disseram que dificilmente chegaria até uma base.

– E o seu marido voltava de uma missão em alto-mar. O aparelho em que viajava fora avariado pelo fogo inimigo. Igualmente ele não conseguiria alcançar a terra.

– Sim, foi o que concluíram. Deus intercedeu em favor dos dois e eu agradeço.

– A senhora acha então que estão juntos, pai e filho?

A viúva Vell ajeitou-se mais uma vez e esticou a mão, pegando um agasalho esquecido em uma mesa pequena.

– Tenho que dizer que não sou uma pessoa religiosa, sei que soa estranho ao senhor, já que na minha posição, eu deveria estar consciente de que vou prestar contas desta vida, em breve, mas eu sempre enxerguei a vida de outra maneira, muito pessoal, eu diria. Acredito que vivemos para cumprir uma missão.

– E a senhora cumpriu a sua muito bem.

Os olhos da senhora Vell pareceram mais lúcidos naquele

instante, como se a névoa que os cobria antes tivesse desaparecido.

– Se o senhor assim o diz, não o contradirei. O senhor quer bolo? É de milho.

– A senhora salvou seu filho, assim como fez com seu marido, não foi?

A viúva manteve-se calada, mas um canto da boca torceu-se num sorriso modesto. O major finalmente jogou as costas ao encontro do sofá, abrindo a pasta com a chave que trazia no bolso. Tirou de dentro uma outra pasta bem grossa, na verdade eram duas, compreendendo duas épocas distintas. Colocou-as ao lado da bandeja e cruzou os braços.

– Li tudo a respeito do seu trabalho e devo dizer que foi impressionante!

A viúva Vell assentiu levemente com a cabeça.

– Da forma que tudo acontecia nos primeiros anos... Chamou a atenção de todo o mundo!

– Eu era nova, com um filho para cuidar. Meu ódio por aqueles que haviam roubado meu marido, era grande.

– Trabalhou para ambos os lados.

– Eu precisava viver, não era diferente de qualquer outra viúva, havia a hipoteca, apenas isso. Nunca vivi em luxo, mas criei um filho como um bom homem.

– Ele decidiu seguir os passos do pai.

– Eu ainda o vejo saindo, segurando as lágrimas; ele não me entendia, não queria me ouvir.

– E o seu dom?

– Dom? Não sei, major, se pode ser considerado um. E quanto às famílias daqueles que desapareceram sem deixar sinal? Esquadrões inteiros, flotilhas, pais e filhos queridos que nunca voltaram. O que essas famílias pensariam se soubessem que fui eu? Não, major, não se trata de um dom, mas de uma maldição!

– Estávamos em guerra, eu sei que não explica tudo, mas...

– Ah, o senhor e seus uniformes, seus documentos classificados, encontram justificativa para tornar jovens em assassinos sem mente própria. Ouvi falar de outros projetos, quando moça, que me faziam perder o sono à noite. De certa forma, ter perdido meu

filho me deu grande alívio por poder viver o resto da vida para pagar meus pecados. Eu disse “pecados”?

A senhora Vell riu pela primeira vez, baixo e breve.

O major tinha o quepe seguro com força desnecessária.

– E a mídia nunca chegou perto da senhora.

– Tentaram. Imagine aqueles coitados na época. Discos voadores, cidades perdidas no mar, deuses astronautas, quanta imaginação!

– E tudo era apenas a senhora.

– A mãe do Triângulo da Morte, a criadora do Triângulo do Diabo.

Desta vez foi o major que riu.

– E por que a senhora parou?

– Me cansei, já não fazia diferença, ou melhor, os alvos começaram a ficar diferentes. Um petroleiro, um jato de um congressista, barcos pesqueiros espiões, a limusine de um ditador, comecei a não aceitar esse novo jogo.

– Tentaram obrigá-la a treinar alguns candidatos especiais.

– Foi mesmo, quase esqueci isso.

– Então tudo parou. Não havia mais relatos de desaparecimentos.

A senhora Vell puxava vagarosamente um fio solto do agasalho, apenas voltando a erguer a cabeça depois de tê-lo arrancado.

– Tornei-me uma inútil. Não tenho como contar as vezes que imaginei que alguém viria, sorratamente, no meio da noite, usando uma meia negra na cabeça. Ele entraria sem fazer barulho e me encontraria deitada na cama, acordada, abraçada à foto de meu filho. Foram muitas noites maldormidas, só não imaginei que esperaríamos tanto, nem que mandariam um major tão agradável para me matar.

– Não, madame, a senhora se enganou. Minha missão não é matá-la, embora pudesse, como já fiz e não me arrependo.

– Com certeza não veio para o chá.

– De certa forma, sim. Estranho, não? A senhora não me conhecia, mas parecia saber o motivo da minha visita. Por um minuto achei que sabia de tudo. Desde que foi decidida a sua retirada meses atrás, a senhora tem ingerido uma quantidade razoável de uma proteína invisível em testes atuais. Totalmente inofensiva, a não ser que seja ministrado um desinibidor apropriado.

– O chá? – perguntou a viúva, quase divertida.

– Sim, o chá. Ele foi alterado. Seu médico trabalha para nós e, inclusive, já tem pronto o seu atestado de óbito, só está aguardando que eu ligue.

– O senhor quer se certificar da minha morte, então.

– Não tenho nenhum tipo de aprovação nisso, esta foi a condição imposta para que assinassem minha aposentadoria. Assim como a senhora, desejo não mais fazer parte deste mundo. A senhora compreende.

– Claro, essa tal de globalização... acho que começou ao extinguirem o Dia das Bruxas. Não querem mais feriados ou paradas pagãs. Acabaram com o Natal, o cabeça de abóbora, quem mais?

– A maioria era mesmo uma tolice. Fui criado num quartel, afastado dos meus pais aos 15 anos por ordem de um juiz. Igual a mim, muitos outros estão vindo; infelizmente, este novo mundo, esta nova ordem, não será para mim.

– O fim dos fenômenos sobrenaturais, das cartomantes, dos vendedores de ilusão.

– Os sonhos, senhora Vell, hoje são outros. A senhora devia ter uma televisão em casa.

A velha fechou os olhos, quase não respirava.

O major se adiantou, pegando-lhe o pulso, que era leve como um inseto.

Morto e seco.

Devolveu delicadamente a mão ao apoio de braço da poltrona.

Foi então que percebeu que ela tentava falar, quase um tremor involuntário dos lábios. Abaixou-se e aproximou o rosto dos lábios da viúva.

Pôde ouvir claramente: – Prefiro o rádio.

Morrera com um sorriso no semblante, decerto era um sorriso. Mas por quê?

Apressou-se para recolher e limpar todas as evidências de que estivera ali algum dia. Em um saco, colocou a xícara que usara, o pires, assim como o guardanapo.

Dentro de outro saco, jogou os potes e tudo o mais dentro da pasta.

Sentiu um frio repentino. Talvez a sensação do dever cumprido o liberasse sensorialmente, somente naquele momento.

Limpou o quepe e o pôs de volta na cabeça.

Andando em direção à porta principal, lembrou que odiava bolo de milho.

Depois que telefonasse do carro, uma equipe de limpeza viria, e depois o médico.

Abriu a porta.

Foi pego de surpresa antes de dar o primeiro passo.

Não conseguiu ver o seu carro, muito menos a rua, o jardim ou a cerca.

Um espesso nevoeiro roubava tudo para si, e um penetrante cheiro de maresia fazia-se forte e presente. Como era possível? Estava a centenas de quilômetros do mar!

Desceu os degraus que o conduziram não para o jardim, mas para uma floresta espessa. Sentiu a terra fofa debaixo dos pés.

Desnortado, gritou por socorro, mas sua voz mal penetrou na névoa compacta.

O céu apresentava-se como um emaranhado de nuvens verdes, rasgando-se em descargas elétricas azuis.



sétimo

A moça
do sonho

Rômulo de Athayde Caminha

O autor de *A moça do sonho* é cearense. Reside em Natal, Rio Grande do Norte, desde 1991, quando iniciou seu trabalho como engenheiro de petróleo e se casou com Noêmi, que se tornaria mãe de seus três filhos: Danilo, Nicole e Rebeca. Foi seduzido pelo universo da literatura quando cursava o ensino fundamental. Ainda era um garoto, portanto, quando descobriu a genialidade de Machado de Assis com a leitura do clássico *Dom Casmurro*, o que marcou o início do seu interesse pela literatura. Não se considera um leitor tão devotado, daqueles que têm sempre um livro na cabeceira. Entretanto, quando uma publicação o fascina, mergulha profundamente na narrativa, buscando os detalhes, analisando o perfil psicológico das personagens, a estrutura das frases, a lapidação das palavras. Sua experiência com a escrita literária é recente: o primeiro conto foi escrito há apenas três anos. Acredita que a inspiração para construir suas narrativas vem da música. O tema para um novo conto pode surgir de repente, ao lembrar uma velha música que conhece de cor. Em certo momento, sem qualquer premeditação, aquela música sopra-lhe um enredo novo. Segundo ele, Chico Buarque, Vinícius, Tom Jobim e tantos outros mestres da música nacional trazem em suas obras musicais um grande acervo literário. Em sua opinião, Machado de Assis é o maior de todos os autores, mas também admira a literatura de Érico Veríssimo, Fernando Pessoa, Clarice Lispector e Jorge Amado. Em seu tempo livre, gosta de ouvir música e ir ao cinema, sendo um entusiasmado colecionador de discos e filmes.

Sentei-me no costumeiro assento. Tinha hábitos rígidos, quase obsessivos. Aquele trem era meu refúgio cotidiano nas primeiras horas da manhã, onde eu lentamente retornava à superfície do meu senso. Chegava cedo à estação para escapar da solidão que me sobrevinha ao amanhecer. Tudo ainda dormia. Naquele dia, demorei a despertar do alumbramento de um sonho recorrente; sonho que me acometia como uma febre nas madrugadas daquele outono. A imagem fantasiosa de uma moça de olhos castanhos então ocupava os recantos mais profundos do meu adormecer. Apaixonava-me por uma mulher que existia apenas nos desvãos silenciosos da minha mente.

Vinda com ares de amor antigo, ela me trazia longos e silenciosos beijos; minuciosos olhares de afago que me refletiam por inteiro em suas retinas, perscrutando meus desejos. Soprava-me canções que inflamavam minhas asas e rodava-me o corpo no ar numa dança inebriante, recostada ao meu peito. Da mesma maneira inesperada que chegava, partia; como uma presença que se desvanecia. Acordava num sobressalto e meus olhos percorriam vagarosamente o quarto, numa aceitação da realidade.

A princípio, perdi noites sem me refazer na expectativa daqueles encontros... Depois me fiz crer que estes seguiam um indecifrável calendário, à mercê de uma vontade alheia. A angústia da espera foi aquietando-se em mim, e aprendi a conciliar o sono com minha existência vertiginosa naquele universo onírico. “O sonho é ver as formas invisíveis da distância imprecisa...” Não sei se me compreende, caro poeta, mas aquele sonho vinha-me com feições nítidas e medidas precisas... Ou não seria um sonho o que eu vivia? Por vezes duvidei da minha sanidade.

O apito do trem soou-me como um grito de quem despenca em um abismo... Talvez fosse eu, desatando-me de mim. Conferi a hora... Tudo teimava em se repetir naquela manhã. Abri o livro e busquei a página que me fizera dormir na poltrona, após o jantar. Alguém que acabara de sentar-se no banco defronte resvalou sua sombra sobre a folha amarelada do papel. Levantei a cabeça, incomodado. Percebi a figura indistinta de uma mulher em contraluz, guardando cuidadosamente as luvas na bolsa ao colo.

Deslizei sobre o assento para me aproximar da janela. Nossos joelhos, sem querer, tocaram-se. Ela estava cabisbaixa, tinha o rosto sob o chapéu. Não cuidei em me desculpar e busquei voltar à leitura.

O delicioso perfume que ela exalava remeteu-me a algum momento que se perdera na minha memória... Aspirei profundamente o aroma em busca de um sopro de lembrança. Fui arrebatado dessa minha viagem olfativa por uma voz melodiosa que calou a cadência ruidosa do trem sobre os trilhos: “Gosta do perfume?”... Ergui o rosto surpreso e a encontrei sorridente, coração nos olhos. Só então percebi suas feições... Era ela! Por Deus, como seria possível? Meu devaneio me arrebatara de vez? Certamente era ela. Eu soube pelo sorriso, pelos olhos castanhos inundados de doçura, pela aura de luz que a circundava...

Logo estávamos num desfiar minudente de confidências. Sentiamo-nos como se estivéssemos juntos desde sempre... Anos vividos no instante de um encontro de olhares. Contou-me sobre sua vida, suas dores, seus medos... Nossas almas conversavam. Aquela mulher desvendava-me os pensamentos. Adivinhava-me as intenções das palavras, dos gestos. Nossas bocas se buscavam, embora não se tocassem. Tomou minha mão em suas mãos. Leu minha história nas linhas que dizia ver, ainda que só me olhasse nos olhos.

Já desfeito de qualquer recato, meus dedos percorriam cada traço da sua face, como a moldar minha existência naquela imagem. Olhei pela janela, como a me despedir do mundo tal como o conhecia. Vi somente as folhagens, tingidas pela cor de seus cabelos, passarem rapidamente diante de mim. Tal foi nossa entrega que já repousávamos um sobre o ombro do outro, mãos dadas, rendidos pelo amor avassalador que chegara sem caber em si... O trem seguia veloz, dobrando o espaço-tempo que nos separara. O futuro parecia nos tragar... As estações ficavam para trás, pois nenhum lugar nos pertencia.

sexto

As
próximas
48 horas

João Paulo Vaz

Ele ainda nem tinha aprendido a ler, mas já se interessava pelas histórias de Monteiro Lobato, que eram lidas por uma tia. Pode se dizer que este foi o primeiro contato de João Paulo com a literatura. E foi o suficiente para criar um vínculo que só viria a aumentar com os anos. Veterano do concurso de contos Petros, participou de todas as edições, ora como candidato, ora como jurado. Na Petrobras, foi analista de sistemas durante 26 anos. Aposentado em 1999, fez pós-graduação em filosofia contemporânea. Tem três filhas (Juliana, Suzana e Giovana) e cinco netos. Atualmente é casado com a psicanalista Sandra Mara Lopes. Seu processo de criação – embora ele enfatize que não reconheça algo que possa ser entendido como processo – envolve começar o dia realizando alguma tarefa mecânica, como lavar pratos, por exemplo. O contista faz questão de frisar que criar envolve muito mais “ralação” (ou seja: escrever, submeter o texto a leitores críticos e reescrever) do que inspiração propriamente dita. Quando ela surge, porém, geralmente é resultado de fatos cotidianos. É admirador da literatura de Gabriel García Márquez, Guimarães Rosa, José Saramago, Carlos Drummond de Andrade, Manoel de Barros e Charles Bukowski. Possui cinco livros publicados: três de contos e dois infantis. Já recebeu, entre outros, os prêmios Mário Quintana, Josué Guimarães e Off-Flip. É coordenador de oficinas de contos na Estação das Letras e na ONG Nós do Morro.

O silêncio eterno desses espaços infinitos me assusta

Antoine de Saint-Exupéry

Alguma noite no futuro será uma noite comum, não esta de metais retorcidos e vidros estilhaçados, e serão suas as mãos nos meus ombros, não estas, desconhecidas, a me tirar de dentro do carro, da velocidade, do estrondo metálico antes do silêncio e do tempo de repente parado no asfalto molhado de chuva, sangue e gasolina, será o seu rosto curvado sobre o meu, não a luz amarelada do poste, e a sua voz, não um grito distante e frases ininteligíveis e essa urgência em oposição à imobilidade repentina do meu corpo, não serão o sangue e a chuva escorrendo mornos pelo meu rosto, mas os seus dedos devagar, conhecidos, reconhecedores, a impedir que eu ceda à tentação de me dissolver na chuva, desembarcar do tempo nesta parada ao pé do poste de luz amarelada, ponto final, última estação, este vagão não segue para futuro algum, todos os passageiros queiram desembarcar, mas eu reluto, teimo, quero o seu rosto na porta entreaberta, quero com o desespero das minhas unhas a arranhar o asfalto, com a ansiedade das sirenes, dos apitos, da pressa destes homens que agora se inclinam sobre mim e me arrancam da imobilidade e da chuva, e me carregam sacolejando amarrado à maca, no sentido contrário ao do tempo, num sentido que não sei se nos aproxima ou afasta, mas é escuro e se apaga.

Sou Jonas sozinho nas entranhas da baleia, no silêncio escuro da carne quente e úmida como uma grande vagina palpitante. Resgatado do abismo, da fúria das ondas e da ira de Deus, adivinho a navegação da baleia, seu corpo em movimento. Em volta, o oceano imenso.

O rosto do rapaz sentado ao meu lado é magro e aflito. No teto da ambulância correm reflexos pulsantes das luzes da cidade, velozes, hipnóticos, eu me abandono ao movimento.

O sol bate forte na areia da praia deserta, o mar bate forte, a rebentação é um inferno intransponível de espuma branca que no entanto será preciso atravessar, eu sei, para chegar ao mar aberto, o azul profundo que me espera. Caminhamos na beira da espuma, você me conduz pela mão, você conhece o ponto onde a

rebentação pode ser atravessada, pisamos a areia molhada e nossos pés não deixam marcas.

Correria e luzes dolorosas, outros rostos curvados sobre mim, gosto de sangue na boca. Que lugar é este? Quero minha casa, quero que você venha logo me buscar. O tempo se distende até quase se romper. E estanca outra vez.

Minha mãe está sentada na varanda com um vestido verde igual ao seu, e eu sei que, na verdade, é você sentada na varanda, ela e você numa só pessoa olhando a rua, à minha espera. Mas já cheguei, estou dentro de casa. Não me viu entrar? Tento avisar que já cheguei, mas a voz não sai; vou até a varanda, mas ninguém me vê.

Flutuo fora do tempo. Meu corpo na cama, você sentada ao lado dele, e a teia desfiada do passado – se eu não tivesse tomado mais aquela cerveja, se não tivesse feito aquela ultrapassagem e, mais além, o tecido esgarçado de todos os caminhos possíveis, o que foi e o que poderia ter sido, tanto passado e tão pouco futuro, e é tão fácil romper o último fio, mergulhar no silêncio eterno desse espaço infinito, mas você segura minha mão, e eu espero ainda mais um pouco. Um médico grisalho de óculos entra na sala, você pergunta sobre o futuro, ele responde que as próximas 48 horas dirão.

quinto

**Em algum
futuro, numa
de "ses**
lugar do
cartilha

Ricardo Macedo dos Santos

Ricardo Macedo dos Santos é aposentado da Petrobras, onde ocupou o cargo de Administrador. O interesse por literatura surgiu desde muito cedo, a ponto de ele guardar anotações ou “alfarrábios”, conforme suas próprias palavras, desde 1960, quando tinha apenas 15 anos. Foi a partir dos anos 1980 que engrenou de vez na produção literária. Publicou poesias, na Antologia dos Poetas do Brasil, e contos, na Antologia de Escritores do Brasil. Já participou de outras edições do Concurso de Contos Petros. Lê e escreve muito. E tem algumas particularidades. Prefere utilizar lápis e fazer anotações no caderno, por exemplo. “Assim as ideias vão surgindo”, revela. Admite não ser muito disciplinado em relação ao tempo e ao espaço. É o senhor dos seus próprios dias. Não se submete a horários rígidos e utiliza até as páginas dos livros que lê para escrever. Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Lima Barreto e Machado de Assis estão entre os seus autores prediletos. Além de se dedicar à produção de contos, poesias e crônicas, já escreveu duas peças teatrais. Em seu tempo livre, gosta de ouvir música, ir ao cinema e ao teatro. É pai de Eduardo Fernando, Nívea e Rômulo, e avô de Patrícia, Eduardo Fernando Jr e Amanda. Davi, o quarto neto, está a caminho.

Tanto se fala em tristeza. Tanto se fala em maldade. Tanto lamento. Tanto choro. Se Manoel não voltou para casa. Se Helena prostrou-se em pranto. Se há muitas crianças abandonadas. Se há assaltos todos os dias. Se carros são roubados nas vias expressas. Se Joana deu o beijo nas Casas Bahia. Se a marolinha da crise já chegou ao Brasil. Se a poupança dos coitadinhos vai até 50 mil. Se o imposto de renda vai diminuir para os apaniguados. Se a CPI da Petrobras quer levar adiante os fatos da delação premiada que o diretor não revelou. Se a gripe suína mudou de nome e até já não se fala mais nela. Se o Vasco ainda é time grande e está meio encrocado na série B. Se Zé Rodrix foi para a nuvem depois de deixar sua casa no campo. Se já não ouço mais música boa nas rádios e o Sistema Globo continua o mesmo, determinado até a hora do início dos jogos de futebol. Se Rubinho pretende voltar para passar um apagador em sua história e escrever no quadro de seus sonhos que irá de melhor a melhor. Se Hamilton, provável futuro campeão da Fórmula 1, estará dirigindo um Mustang cor de sangue daqui a alguns anos. Se o leite estará pela casa dos dez reais, contaminado por etanol, salitre e enxofre. Se Obama está dando um jeitinho “a la Bush” na política imperialista dos EUA, a caminho de uma nova etapa armamentista. Se Lula cada vez mais interfere na política e se sente o salvador eterno do país. Se o presidente Maduro cada vez mais invoca Chávez, como um Bolívar que se fez carne nele, para resolver os problemas da Venezuela. Se o choque de ordem não chega à avenida Brasil e seus arredores. Se os prefeitos da Baixada Fluminense vestissem uma camisa de time grande e se irmanassem, e utilizassndo seus orçamentos em proveito da população que ali está e que sofre por não ter emprego e é obrigada a descer para o centro do Rio para poder trabalhar. Se Benedita da Silva aparece nos cartazes de sua campanha com a foto de quando tinha 18 anos, querendo ser uma cara nova na disputa eleitoral. Se a Jandira Feghali sumiu para sempre. Se as rádios Tupi e a Globo ainda têm a hora da ave-maria. Se um vizinho acha que todos os outros vizinhos gostam de *funk* e aumenta o volume de seu som estridente. Se o outro vizinho é torcedor fanático do Flamengo e se julga no direito de mandar todos os

jogadores que erram passes para a puta que pariu, sendo ouvido em todos os apartamentos do andar em que mora. Se o pingo do ar-condicionado do meu vizinho de cima sempre cai sobre o meu aparelho, numa louca marcação de compasso. Se esqueço às vezes de um nome de alguém que viveu quando eu era criança, mas não tenho mais a quem perguntar porque todos os meus familiares já se foram. Se eu pudesse saber realmente se Mozart morreu como no filme *Amadeus*. Se Chaplin pudesse, de repente, surgir na rua do Ouvidor e proferir de novo o último discurso do judeu travestido em Hitler. Se os cinemas fechados pelo dono da Record, Sr. Macedo, pudessem abrir de novo com um festival de Oscarito e Grande Otelo. Se a extinta Mesbla, de repente, como num sonho, pudesse voltar a funcionar no Passeio do mesmo modo e com a mesma graça. Se os desejos dos injustiçados pudessem ser realizados. Se ela, sem saber, cruzasse meu caminho de novo. Se o futuro não fosse apenas mais um conto, uma experiência cheia de fé e de esperança, porém, uma ideia descabida que invade minha mente e se reflete no imaginário do tempo, que lançou para sempre a suave incerteza de viver sem olhar atrás.

quarto

Por um
lugar além
da faixa

Sonia Fernandes do Nascimento

A vontade de ler era tão grande para tão pouca idade que ela precisou encontrar uma solução. E assim fez. Aos 5 anos de idade, Sonia decidiu que iria aprender a ler. Sozinha! A atitude iria lhe conferir a independência que tanto precisava para ler o que quisesse. Começou a escrever aos 7 anos, ainda na escola primária. Incentivada pelas professoras, desenvolvia narrativas a partir de uma gravura. Para ela, escrever é um impulso. Tem a sensação de que a história já está pronta em algum lugar, só esperando para ser desenvolvida. Se não aproveitar esse exato momento, a história vai embora e outra pessoa pode “segurá-la”. Já participou de certames literários e outras edições do Concurso de Contos da Petros, tendo recebido em 2005 o primeiro lugar com o conto “Pequeno tratado sobre a vida”. Em 1978, foi classificada como melhor estreada no concurso de Contos de Paraná. Aposentada da Petrobras, onde sempre atuou na área de Recursos Humanos, despediu-se da empresa exercendo a função de assistente administrativo. É casada há 22 anos com Paulo Roberto Cequinel, que também trabalhou na companhia. É mãe de seis filhos – três biológicos, um adotivo e 2 enteados – e avó de 7 netos. Gosta de pintar aquarelas e lidar com a terra. Sente falta da época em que morava em uma casa quando podia cuidar da horta e da Nina, uma linda boxer “temporariamente emprestada” a uma amiga.

Enquanto evitava rasgar suas botas nas carcaças de veículos do século XX que ainda se encontravam nas ruas, abandonados à própria sorte e impedindo a passagem dos alterados e de quem mais se aventurasse, Alzira avistou a mansão dos Mariones. A casa continuava intacta entre os escombros da cidade, a torre do terraço com as luzes acesas. Tentou não encarar o grupo de pessoas que assava alguma coisa no canto do jardim dos Mariones. O cheiro de carne queimada impregnava o ar. Deu a volta e tomou outro rumo, pelo lado oposto, cobrindo os cabelos e parte do rosto com a ponta do pano negro das mulheres que Geíza lhe havia prometido dar, agora seu para sempre, junto com os equipamentos da missão e os 12 mantos de lã. Afora a torre, só a lua iluminava a rua e o jardim da casa. O toque de recolher já havia soado há uma hora e Alzira sabia que se fosse pega estaria perdida.

Encontrou a porta dos fundos aberta, como Geíza lhe disse que estaria. Com cautela, para não fazer nenhum barulho que despertasse os alterados, achou o mapa na valise e o abriu sobre a mesa. A cozinha estava deserta. Era ampla e confortável, a luz da lua vazava de uma claraboia alta. Os quartos onde eles mantinham os meninos ficava no primeiro andar. Acendeu a lanterninha de neon que trazia presa a um colar comprido e que guardava bem junto ao corpo, relíquia herdada de sua mãe e que lhe havia salvo de muitos perigos nas noites sem lua. Viu que as escadas ficavam no final do corredor depois da cozinha. Tinha algum tempo. A noite avançava devagar e só iria terminar em um dia gregoriano, mas a luz fosforescente da faixa do mar começaria em algumas horas.

Começou a montar o artefato. Havia coberto todas as peças com uma tinta de plástico, para que não fossem detectadas pelos transmissores da Família. O plano de montagem era complicado e exigia tempo. Estava com fome, mas resolveu adiar as pílulas para quando a bomba estivesse pronta. Os Mariones mantinham seguranças americanos em vários postos da mansão, e um deles ficava logo depois da porta da cozinha. Tinha que pensar em se livrar de todos eles, os robôs mantinham uma linha fina entre si; se um desligasse, todos viriam ao mesmo tempo. Seu coração começou a bater muito forte, e ela limpou o suor da testa com o manto. Pensou nas crianças presas

no quarto e foi acalmando as batidas, concentrada nas mãos que montavam as peças, uma a uma, devagar e com cuidado para evitar qualquer som.

Ninguém ia à cozinha naquela hora. Era uma informação passada por Geíza, que conhecia todos os habitantes da casa e havia vivido ali os últimos cinco anos gregorianos, cozinhando para eles e anotando o que precisava para quando chegasse a hora. “Nada vai lhe impedir, Alzira”, ela lhe havia dito. Tinha que dar conta, ela sabia, e agitou de novo a lanterna, que emitiu uma luz mais forte sobre o plano de montagem.

Estava pronta. Cinco pequenas esferas unidas por uma corrente magnética. A faixa do mar fosforescente iria começar a emitir luz em duas horas. Agora precisava apressar-se, pois o êxito dependia do tempo planejado pelas mulheres. Abriu a porta, devagar, e os robôs dos Mariones começaram a se mover. O celular da porta apontava, como um antigo jogo de pec, os pequenos pontos redondos se locomovendo em sua direção. Deixou que eles se enfileirassem e apertou o gatilho do celular, para receber o código que destravaria a fechadura. Sabia de cor, Geíza a havia feito memorizar os números e letras que seriam usados na última semana. Os robôs pararam onde estavam, no corredor que levava às escadas, e a luz de seus corpos diminuiu até se apagar completamente, um tempo que durou alguns segundos e que, para ela, pareceram uma eternidade.

Como estariam elas agora? Os Mariones as haviam caçado no esconderijo sob a terra, em uma parte do túnel imenso que seus ancestrais construíram antes da guerra final, a fim de guardar as armas e os mantimentos para os sobreviventes, as últimas mulheres adultas e o que havia restado das crianças. Agora já nada disso lhe importava. Pensava só nelas, presas no quarto do primeiro andar, onde aguardavam o término das negociações entre os Mariones e os eleitos.

Subiu devagar as escadas, evitando ruídos que poderiam acordar os alterados, que serviam de seguranças humanos e dormiam nos outros quartos. O mapa de Geíza mostrava uma porta à sua direita como o local onde eram mantidos os meninos sobreviventes. Viu

seus rostos apavorados quando abriu a porta do quarto. Uma luz fraca vinda da torre invadia a janela de grades e iluminava todo o lugar, e eles estavam amontados num canto, sem roupas, os corpos judiados. Fez um sinal para que não falassem nada. Eles a conheciam, haviam passado por muitas coisas juntos, no túnel. Obedeciam. Arrumou-os em fila e apontou a porta aberta, as escadas, o corredor. Todo o plano dependia de não despertar os alterados. Pensou que eles não sobreviveriam ao ar gelado da noite sem os mantos que trazia, envoltos um a um, em seu corpo desnutrido. Foi retirando todos e envolvendo os meninos, até que só restasse o seu próprio manto, o pano da última burca que retirou do corpo de Geíza, depois que ela havia morrido. Sabia que agora podia tomar as pílulas da fome, mas as deu aos meninos. Assemi era o mais velho deles. Entregou-lhe o mapa de destino e a lanterna presa ao colar. Uma barca esperava nas cais do porto e eles deviam alcançá-la antes do mar começar a luzir. Os homens do sul os levariam embora, para junto das meninas que os aguardavam já em segurança, na terra prometida pelo profeta.

Quando a última sombra atravessou a porta da cozinha e se perdeu entre os escombros e as carcaças dos veículos, entrou de novo na mansão e se dirigiu aos quartos dos Marionetes, as esferas presas entre seus dedos, o olhar vazio de emoções.



terceiro

Visitante

Guilherme Sampaio Pereira

Feliz por figurar entre os finalistas do Concurso de Contos Petros pela terceira vez! Essa foi a reação imediata de Guilherme Sampaio ao ser informado do resultado. O autor da obra “Visitante” também compõe o livro do concurso nas edições de 2011 e 2013. Carioca, 50 anos, orgulha-se de ser apaixonado por literatura desde que se entende por gente. Casado há 26 anos com Soraya e pai de dois filhos – Gustavo de 14 anos e Gabriel de 22 –, faz questão de frisar que não consegue recordar quantos livros já passaram pelas suas mãos. Mas tem uma certeza: foram muitos. Sua lista de autores é bastante eclética e inclui nomes como os brasileiros Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, e Philip K. Dick e Stephen King. Foi sob a influência da obra desses escritores norte-americanos que Guilherme passou da paixão pela literatura para a produção de textos autorais. O mundo é a maior inspiração do petroleiro, que trabalha há 24 anos como técnico de Suprimento e Logística na Petrobras Distribuidora.

A campainha estridente do velho apartamento do superedifício da parte baixa da cidade não parava de tocar. Quem tocava estava muito ansioso. Não tinha previsto a possibilidade de não ter ninguém no apartamento. Seu tempo estava contado (apesar de não saber exatamente quanto tempo ainda restava, ele de alguma forma sabia que não havia muito). Passou-se algum tempo, ele manteve o dedo grudado na campainha, até decidir esmurrar a porta. Não simplesmente bater, mas bater de um jeito mais forte, mais dramático. Mas nada. Ninguém aparecia. Muitas perguntas começaram a aparecer em sua mente – “seria o endereço certo?”, “estaria ele no trabalho?”, “teria alguma coisa que ele havia esquecido de perguntar?” –, mas ele estava certo de sua pesquisa. Havia feito tudo meticulosamente, tinha que fazê-lo, pois não teria outra oportunidade. Aquele era seu único tiro, e ele teria que acertar. Começou a lembrar o que havia descoberto, com parentes que conseguira descobrir (seus pais haviam morrido cedo), ele realmente teve muito trabalho para encontrar alguém que pudesse se lembrar de alguma coisa. Tateou no bolso suas anotações e começou a reler seus garranchos.

No ano que ele a havia escolhido, a pessoa em questão estava desempregada. Morava na Cidade Baixa, em um velho e ultrapassado superedifício, vivendo com ajuda de amigos, do governo e de pequenos biscates. A pessoa que havia dado a informação que ele mais precisava (o número do prédio e do apartamento) não era muito digna de confiança, pois sua tia-avó, apesar de fazer um tratamento celular intensivo contra o mal de Parkinson, ainda não conseguia se lembrar muito bem de coisas muito antigas, ainda mais quando se tratava do pai que nunca lhes dava atenção ou conforto. Mas ela assegurou que aquela informação estava certa. Certíssima. Ótimo. Então por que ninguém vinha atender a maldita porta?

Ele parou com tudo. Parou de tocar a campainha, parou de esmurrar a porta e se virou. Encostou suas costas na porta insensível e começou a escorregar para o chão sujo. Sentou-se e fitou desanimado a parede oposta. A porta oposta. E dela, aberta, saiu a pessoa que ele estava procurando. Saiu agradecendo pela

xícara de açúcar ao vizinho, que depois lhe pagaria, e estancou. Perguntou ao estranho quem era e o que estava fazendo ali, sentado na sua porta, e como conseguira passar pelo identificador de DNA da entrada do prédio. O estranho se levantou rapidamente e pediu para lhe falar em particular, pois o que tinha a contar (e mostrar) era muito importante. Entraram os dois no apartamento, e ele começou a sua história.

– Com certeza você não vai acreditar em uma palavra do que eu disser, mas, por favor, não me interrompa. Deixe-me contar minha história até o fim, e então depois tome a decisão que quiser. Mande-me embora, me chame de louco, mas meu tempo está contado. Não sei quanto, mas com certeza, depois desses contratempos todos, acredito que pouco. Muito pouco.

– Sou de 62 anos no futuro e vim para essa época tentar mudar alguma coisa com relação ao meu e ao seu futuro. No meu tempo, cheguei à condição de ladrão, devido à herança que vocês do passado me legaram. (Ele retira do bolso o caderninho de anotações e começa a ler.) A sua condição daqui por diante só tende a piorar. Vai perder a ajuda do governo, dos amigos, e nem o casamento arranjado com uma esposa da classe média quase baixa vai tirá-lo do sufoco. Tudo o que for ganho vai ser gasto em drogas, bebida e jogo, hábitos esses que ela vai lhe passar, e você, com todo prazer, vai aceitar. Vocês terão filhos que nada herdarão, que por sua vez terão netos que nada herdarão, até a minha geração, que também nada terá. Seremos um bando de marginais, tentando ganhar a vida roubando e sendo mortos por tentar. Quase ninguém sobreviveu, somente os mais espertos, ou seja, eu e sua filha mais velha, minha tia-avó, que me ajudou nesta empreitada. Consegui todas as informações a seu respeito com ela; por isso estou aqui. Para mudar meu passado e seu futuro, tentando torná-los melhor para todos. Por acaso roubei de um laboratório do governo uma máquina temporal experimental, proibida, pois não é permitido (pelos efeitos desastrosos que pode causar) viajar no tempo. Foi feito um teste só, que deu totalmente errado com a máquina, e então eles pararam com a pesquisa e jogaram a coisa num laboratório secreto e trancaram a sete chaves

seu segredo. Mas consegui entrar e pegar a máquina e, como não tinha nada a perder, aqui estou. Com todas as informações sobre todos os jogos que serão disputados desde hoje até daqui a 50 anos no futuro, tempo suficiente para que você consiga fazer o seu e o nosso pé de meia.

Bom, isso era tudo que eu tinha a dizer, além de trazer esse micro CD com todas as informações, e pedir de coração para que você acredite em mim. A única prova que posso lhe dar de que tudo que lhe falei é verdade está na entrada de seu prédio. Quando você perguntou como entrei aqui, agora lhe respondo: sou parte de seu DNA, porque sou seu bisneto que ainda não nasceu e, se você quiser, irá nascer rico!”

Ele segurava nas mãos o CD, e o seu bisavô o olhava, assustado, mas sorrindo. Pensou que o sorriso era de alegria, de reconhecimento, mas na verdade o ancestral estava ansioso para se livrar daquele louco que estava parado na sua frente, dizendo uma infinidade de bobagens. Aceitou rapidamente o CD, pensando em livrar-se dos dois o mais rápido possível, e voltar para sua vidinha inútil. Pensando ter cumprido sua missão, o visitante despediu-se de seu bisavô e seguiu seu caminho até o fundo do corredor, onde iria acionar a máquina e voltar ao seu tempo, confiante de que seria um tempo melhor. Chegou até o fundo, acenou uma última vez e tocou no dispositivo em seu pulso. Entrou num turbilhão negro e azul, exatamente como na ida. Só que dessa vez alguma coisa estava errada. Foi curto demais... avançou no tempo só o necessário para ver (sem ser visto) seu ancestral abrir a porta do seu apartamento, olhar para os dois lados, ir para o compactador de lixo e jogar o pequeno CD que ele havia lhe dado, resmungando alguma coisa sobre a porta de entrada do edifício estar quebrada há muito tempo e ele não iria acreditar naquelas baboseiras de bisneto, tataraneto, jogos idiotas e viagem no tempo. Depois o fluxo parou, e ele começou a regredir novamente, como da primeira vez em que programou a máquina para aquele tempo.

Quando despertou do pequeno coma a que máquina induzia, sentiu um frio na barriga. Estava parado novamente na porta do superedifício de seu bisavô. Como havia feito antes, consultou o

dia em que estava por um pedaço de jornal, e se desesperou. Havia voltado exatamente ao ponto de partida, ou chegada, e descobriu por que a máquina havia sido abandonada, e as pesquisas sobre viagem temporal encerradas. Era uma viagem só com o *ticket* de ida...

segundo

Velho

Thiago Luz

Frases, ideias ou cenas que não saem da cabeça e ficam martelando até serem transcritas para o papel. Para algumas pessoas, esses *insights* podem até passar despercebidos. Para o autor de O Velho são matérias-primas para a construção de um conto, uma crônica ou um poema. O interesse pela literatura começou na adolescência, por volta dos 14 anos. Foi justamente nessa época que Thiago Oliveira de Carvalho, que prefere utilizar o nome artístico Thiago Luz, adotou o hábito de comprar livros. Quando não comprava, pedia emprestado aos amigos. Aos 32 anos de idade, o técnico de Operação da Petrobras é casado há 8 anos com Gabriele Luz e pai de Enzo, de 5 anos. Já participou de diversos concursos literários. O cotidiano é a sua principal fonte de inspiração, mas no momento de criar também se deixa influenciar pelos autores que admira, como Castro Alves, Álvares de Azevedo, Machado de Assis, José de Alencar e Jack Kerouac – apenas para ficar em alguns exemplos. Além de escrever, gosta de correr. Sua paixão pela literatura pode ser percebida até nas correspondências trocadas por *e-mail*. O contista não hesita em terminar o texto com saudações literárias.

Oitenta anos, 80 dias, não é o tempo que passa, somos nós que passamos por ele e não saímos ilesos. Cheguei a essa conclusão numa tarde de outono, enquanto as folhas caíam pálidas nas calçadas, desgraçadas pelo tempo que finda, e meu avô, sentado numa cadeira de balanço na varanda de uma casa alugada no subúrbio, fitava o portão com seus olhos claros, levemente esverdeados como uma esperança desbotada.

Ele estava com um velho livro amarelado de John Fante pousado sobre a coxa direita, e suas unhas eram grandes e grosseiras, tão amareladas quanto o livro maltrapilho. Não aceitava que as cortassem. Tudo bem, o Velho, como carinhosamente o chamava, tinha lá suas manias. Eu respeitava.

Seu rosto era o resto do próprio passado, marcado pelo tempo, com suas valas secas, cicatrizes dos sorrisos de outrora, e por onde certamente também devem ter corrido rios de tristezas. Oitenta anos... Não há salvação: ou morremos de uma vez, ou morremos aos poucos. E ele deve ter morrido tantas vezes nessa vida, que agora restava muito pouco para ser enterrado. Será que isso é o que chamam de velhice? Viver e viver e viver até viver cada vez menos? Até deixar de existir? Não deve doer, e, no fim das contas, a vida é o intervalo da morte: morrer é voltar no tempo.

Ele me sorriu. “Como tá o menino?”, perguntou. Por mais que o seu cérebro já não tivesse o mesmo brilho de antes, sempre iluminado por Fante, Hemingway, Kerouac e outros, ele nunca se esquecia de duas coisas: meu filho e o Flamengo. “Está bem, Velho”, respondi, dando um beijo em sua testa. “Você viu o jogo ontem?” O jogo tinha acontecido há três dias. “Vi, sim, vô”, respondi. “Aquele goleirinho...”, ele sempre implicava com os goleiros. Mas havia uma explicação: na juventude, fora atacante, goleador, e até chegara a fazer algum sucesso pelo interior de Minas Gerais. Agora estava ali, impedido de qualquer drible pelo seu marcador mais implacável, o tempo.

“*Dio cane, Dio cane*, Deus é um cachorro”, vivia repetindo a frase de Fante. Alternava momentos de rebeldia com outros de extrema passividade diante da própria existência. “Como tá o menino?”, perguntou mais uma vez. “Está bem, vô”, respondi docilmente. Eu

não o compreendia muito bem, não mais. Horas e horas sentado na varanda, olhando pro nada, hipnotizado pelo portão. Decerto enxergava alguma coisa, talvez algo só desvendado pela idade, algo que não me seria revelado tão facilmente.

“O que está olhando?”, inquiri. “*Dio cane*”, respondeu, mudando logo de assunto. “Viu o jogo? Aquele goleirinho...” “O senhor está lendo esse livro? Já o leu quantas vezes?” “Não leio mais, não enxergo as letras direito, só fico imaginando o que está escrito... *Dio cane*.” Sorri e saí da varanda, a varanda de uma casa alugada no subúrbio, paga com muito custo através de uma aposentadoria de merda de um velho de 80 anos. Talvez meu avô tivesse razão em sua revolta: *Dio cane!*

Falei com minha mãe e minha avó. Elas reclamaram novamente das goteiras e do telhado vagabundo que nunca cumpria a sua tarefa, das paredes desbotadas como o batom gasto nos lábios de uma puta no fim da noite, da umidade que ardia nos ossos dos velhos, do preço do aluguel que estupra os bolsos e a dignidade daquela gente, da rua esburacada e dos passos errantes pelas calçadas irregulares, enfim, da vida. Aquilo sugava minha energia, me deixava pra baixo. Em dez minutos voltaria pra casa, tomaria uma vodca, ouviria um rock no volume máximo e me esqueceria das reclamações, do telhado, da casa alugada... Fante tinha razão, meu avô tinha razão: *Dio cane!*

Voltei à varanda, a varanda de uma casa alugada, de uma vida surrada, de uma existência miserável, de um outono eterno. Meu avô continuava inerte voltado para o portão. “E o menino como tá?”, perguntou novamente. “Tudo bem, Velho. Vou mandar consertar o telhado e pintar a casa”, disse. “Não se aperreie com isso... a morte apazigua tudo, garoto... esqueça o telhado, olhe pro céu.” Falou comigo com a mesma sabedoria que falava quando eu tinha 12 anos. Existiam momentos de lucidez.

“Vou tentar alugar uma casa melhor para vocês”, eu disse. Ele me sorriu sua triste frente, como só ele sabia fazer, devolvendo-me um pouco da minha meninice. Aquele sorriso ainda tinha o gosto de antigamente, meio sépia, meio preto e branco, uma doce foto na minha lembrança. Apliquei-lhe um beijo na testa e saí. “Volto

amanhã”, disse já no portão. Ele acenou.

Às 11 da noite daquele mesmo dia, o telefone tocou, tocou como nunca havia tocado, como jamais tocaria novamente: uma sinfonia acinzentada. Sim, o som daquele maldito era cinza! Cinza e infame! Cinza e infame e nauseabundo! Desgraçado, telefone desgraçado!

Parei em frente ao portão. As folhas continuavam pálidas na calçada esburacada, navegando pra lá e pra cá ao sabor do vento como uma nau sem timoneiro. Minhas olheiras denunciavam minhas noites maldormidas, enquanto a vodca se mantinha anônima em meu hálito de Coca-Cola. Olhei a casa: na varanda jazia o vazio que me veio numa azia fugaz, enquanto a cadeira de balanço inabitada me corroeu as entranhas como um verme feroz, personagem-operário-agostiniano-angelical das ruínas. O gosto das lágrimas em meus lábios me deixou ainda mais sedento de vodca. Então, fechei os olhos e tudo me pareceu mais leve. Quando estamos com os olhos fechados tudo é azul, livre e feliz como o voo de um pássaro. A ignorância é uma bênção: confundimos o azul do mar que nos afoga com o azul do céu que nos liberta, e sorrimos de felicidade feito cães de madame abanando o rabo.

Mas abri os olhos... A cadeira continuava vazia e meus pés concretados à existência. Olhei pro céu, o dia estava lindo, mas eu não tinha asas, ou talvez não tivesse bebido o suficiente para tê-las, sei lá. Só sei que não resisti e gritei, como só os bêbados e os loucos fazem: “VIVER SEM ASAS É UMA GRANDE MISÉRIA!”. Eu havia aprendido alguma coisa com o Velho, e ele devia estar contente comigo agora, porque a liberdade é uma coisa muito egoísta para depender do resto do mundo. Uma vizinha apareceu na janela. Mostrei o dedo médio pra ela, que ficou boquiaberta, de espanto ou de vontade, sei lá. Resolvi ignorar.

“VÔ!”, berrei. “O QUE FOI?”, perguntou ele lá de dentro. “SONHEI QUE O SENHOR TINHA MORRIDO.” Ele caminhou até o portão. “Sonhei que o senhor estava condenado àquela cadeira e que tinha morrido... Estava velho, muito velho.” Ele, em sua sabedoria peculiar, me respondeu: “Sabe qual o problema da vodca? Você pode tomar um porre de vodca com manga. No dia seguinte não vai suportar nem o cheiro da manga, mas a vodca

vai continuar descendo maravilhosamente bem.” “E daí?”, fiz cara de idiota. “Daí nada... Vamos entrar, vai começar o jogo do Flamengo... E o menino como tá?” Ele sorriu, abrindo o portão. Devolvi a gentileza, afinal era um bêbado simpático, e entramos... Mais um dia na vida. Até quando? Não sei, o futuro é uma ilusão.

primeiro

Haveria
futuro

Cleo de Oliveira

Paisagens, diálogos entre desconhecidos na cena urbana, o cotidiano. Nada escapa ao olhar sensível e apurado do autor de “Haveria futuro”. Uma breve conversa entreouvada na rua pode se transformar em matéria-prima para um texto nas mãos do supervisor da área de Transferência e Estocagem da Refap. É assim que ele prefere produzir as suas narrativas: observando o mundo. O interesse pela literatura é a consequência natural do amor pela leitura. Mas a paixão pela escrita só aconteceu de verdade em 1988, quando Cleo sentiu-se completamente fisgado pela produção de textos. De lá para cá, começou a produzir com mais frequência. E não parou mais. Foi então que se sentiu preparado e se inscreveu em certames literários, como o Concurso de Contos Petros e o Prata da Casa, promovido pela Petrobras. Já publicou mais de 20 contos em diversas antologias. É fã das obras do escritor argentino Julio Cortázar e dos brasileiros Moacyr Scliar e Rubem Fonseca. Com a sensibilidade própria dos artistas, Cleo se refere à esposa, Carla – com quem está casado há 22 anos –, sempre com muito carinho. Nas palavras do marido, ela é uma “dedicada veterinária”. Além do casal, a família de Novo Hamburgo (RS) é formada também pelas filhas Jéssica e Júlia. As horas de folgas são dedicadas a outras atividades que igualmente o enchem de alegria, como reunir os amigos para cantar e tocar violão. Nesses momentos, o ritmo da boa música, o sorriso frouxo e a felicidade contagiante dão a inspiração para as histórias e casos que Cleo gosta de deixar registrados para utilizar no momento oportuno. Um escritor a serviço do destino. Do seu e de muitos outros.

O burburinho na calçada foi crescendo e roubando espaço nos seus sonhos até que não fosse mais possível continuar dormindo. Recolheu com paciência as caixas de papelão que lhe serviram de cama, com os músculos crispados pelo frio excessivo. O cheiro fétido do cobertor entrava pelas narinas quando percebeu a ausência do cachorro. Nem mesmo o assobio familiar e o estalar dos dedos trouxeram de volta o companheiro. Sentou-se sobre a sacola velha recheada com suas tralhas, recolhidas a esmo nas andanças, desembaraçou os cabelos grisalhos com a mão em garra e voltou a assobiar. Alisou a barba rebelde com a palma da mão e esperou, não havia mais o que fazer. Afinal, não era a primeira vez que o cão sumia e haveria de retornar em breve de suas refregas noturnas.

À medida que a manhã avançava, o homem foi se afastando da marquise da grande loja, na direção do restaurante. Aguardaria o horário do almoço para receber as sobras de sempre; o cão também sentiria fome e era uma boa chance para reencontrá-lo, traído pelo estômago vazio. Ficou acompanhando o movimento dos passantes por algum tempo, buscando na dança das pernas um sinal do pequeno camarada. O restaurante ficava em frente à praça, na parte mais alta da cidade, e dali podia enxergar a avenida em toda a sua extensão. Apertou os olhos para alcançar o mais longe possível, mas não encontrou nada. Distraía-se com a procura quando o garçom chegou com a sacola de comida e perguntou pelo cachorro. O homem grisalho olhou para os dois lados da calçada, sacudiu a cabeça dizendo que não sabia onde ele estava e agradeceu pela comida.

Quase todos os bancos da praça estavam ocupados. Estudantes trocavam beijos, dois homens de terno comiam seus sanduíches, um vendedor de bilhetes abordava os motoristas no estacionamento. Sentou-se no meio-fio e começou a separar a comida que ganhara. Ouviu o estrondo de um foguete e lembrou-se do amigo tremendo com o foguetório em dia de jogo, como aconteceu no dia em que o encontrou pela primeira vez, completamente desnorteado pelos estampidos. Era um animal dócil, quase todo preto, com uma mancha branca em forma de coração na altura dos ombros. Em

pouco tempo caminhavam juntos pelas ruas do centro da cidade, dormiam sob as marquises nas calçadas, o cão se alojando no aconchego dos pés do homem grisalho, num aquecimento mútuo. Ele sorria ao perceber os pesadelos do animal, as sacudidas das patas e, ao menor distúrbio, ouvia os latidos de alerta, as orelhas empinadas buscando a possível hostilidade nos ruídos, e dessa maneira ambos se sentiam protegidos. Agora, com a ausência repentina, só conseguia pensar no parceiro preso em algum compartimento minúsculo, andando em círculos à procura da improvável saída. Não se contentaria com o cárcere, tão facilmente havia se adaptado à vastidão das calçadas, tão afeito estava à indisciplina do ócio que aprendera com o amigo grisalho.

O homem sabia que em suas andanças pela cidade cruzara mais de uma vez com o canil e haveria de reencontrá-lo. Tentou reconstruir os caminhos que o fizeram passar por lá, mas era uma tarefa difícil, pelo tanto que perambulara nessa cidade. Lembrava que era um canil tradicional, com baias para dividir os animais e um coro infernal de latidos. Na sua infância diziam que os animais sem coleira não iam para canis, eram recolhidos e usados para fazer sabão. À noite, seus pesadelos encontraram o companheiro lacrimejando na fila da fábrica de sabão, com uma máquina moendo os animais que caíam em seu imenso funil, jogando o resíduo num caldeirão fervilhante onde o fogo transformaria tudo numa massa pastosa. Foi um sono sem sossego, revirou-se em seu suor por toda a noite.

Ao amanhecer foi acordado pelo garçom:

– Descobri para onde o levaram – disse o garçom sorrindo.

O homem grisalho apenas levantou a cabeça na direção do garçom. O garçom continuou:

– Me disseram no restaurante que a prefeitura recolheu diversos cães do centro da cidade. Estão todos no canil municipal. Eu posso ir com você até lá se quiser. Tenho folga no restaurante até às onze horas.

No canil a veterinária falava alto para vencer o barulho dos latidos. Tinha as mãos espalmadas sobre a mesa e tentava explicar o projeto aos dois homens: “Os cães são castrados e devolvidos ao local em que foram encontrados. Aguardem se ele foi recolhido,

vai reaparecer. As regras não permitem que vocês entrem para procurá-lo. Nossa meta é, num futuro próximo, haver um mínimo de animais sem donos pelas ruas”. Ela falava muito, não fazia pausa para ouvir os lamentos do homem grisalho, mas sabia que algumas frases ficariam martelando em sua cabeça: “Futuro próximo? Esse cão é tudo o que eu tenho na vida. Não vai haver futuro”. Mesmo assim, ela avisou que não poderia abrir exceções: “Os animais ficam muito excitados com a presença de estranhos, e o alvoroço normalmente acaba em brigas e até em mortes”.

O trajeto de retorno foi feito quase todo em silêncio. O garçom e o homem grisalho sabiam que dificilmente voltariam a encontrar o parceiro, mas preferiram não falar sobre isso:

- Hoje teremos lasanha.
- Eu gosto.
- Vou ver o que sobra.
- Não precisa muito, é só pra mim.

Alguns dias depois, o homem grisalho sente muito pouca fome; sentado em um banco da praça, desfia alguns pedaços de galinha recebidos do garçom e os coloca na boca distraidamente. Ao menor movimento ele estanca o mastigar. Dois gatos se refestelam nos restos de comida em uma lixeira, ele levanta um braço para afugentá-los e segue mastigando. Passada uma semana, o homem sabe que suas olheiras só aumentarão e as noites voltarão a ser solitárias, como antes de conhecer o cãozinho. Restou-lhe apenas a asa amiga das marquises para o abrigo das chuvas, a benevolência do garçom para um prato de comida ou a estima de um transeunte lhe oferecendo algum trocado.

No turbilhão de pessoas, um menino se aproxima e não consegue evitar que seu cachorro pare para lambe as mãos engraxadas do mendigo. O homem grisalho se levanta assustado e observa o menino caminhando pela calçada, fazendo muito esforço para manter o cão em marcha. Mesmo reconhecendo a mancha branca em forma de coração nas costas do bicho, o homem reluta em ir atrás. O pelo reluzente, o rabo em pé, as pernas roliças, não havia dúvidas de que o cão parecia feliz.

À noite, enrolado em seu cobertor pestilento o homem grisalho dorme imaginando que agora o seu parceiro tem um lar, uma

pequena casa com um cobertor para aquecê-lo, e tem pessoas preocupadas com ele. Seria até maldade desejar que estivesse ali para lhe fazer companhia, dividir a frieza vazia da calçada. Acorda de um cochilo quando percebe que seus pés estão aquecidos e sente o volume de um pequeno corpo aninhado junto a si. Algum animal se acomodou por ali, mas não procura descobrir se é o velho companheiro. Lembra-se da resposta que deu à veterinária. Haveria futuro ao menos por aquela noite. Sorri e adormece.



DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente

Carlos Fernando Costa

Diretores

Newton Carneiro da Cunha, Maurício França Rubem,
Helena Kerr do Amaral

FICHA TÉCNICA

Comissão Julgadora

Carmen Pimentel, José Castello e Sônia Travassos

Coordenação editorial e projeto gráfico
Gerência de Comunicação e Relações Institucionais

Revisão

Alvanísio Damasceno



Este livro foi composto na tipografia Minion,
em corpo 11 e o miolo impresso em papel polen soft 80 g/m².

o
fu
tu
ro





PETROS

www.petros.com.br